

## EXERCÍCIOS EM FENOMENOLOGIA, ENSINO E PESQUISA: propor um “pensar diferente”

Marina Marcondes Machado\*

\* Psicóloga, mestre em Artes Cênicas pela ECA-USP e doutoranda em Psicologia da Educação na PUC-SP. É autora dos livros *O brinquedo-sucata e a criança* e *A poética do brincar*, publicados pelas Edições Loyola, e de *Cacos de infância/ teatro da solidão compartilhada*, publicado por Annablume/FAPESP. Ensina teatro para crianças na Escola Municipal de Iniciação Artística de São Paulo, é psicoterapeuta e docente da cadeira de Fenomenologia no curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Nove de Julho/SP.

Correspondência:  
Address:  
Rua Fábria, 500 -  
apto.61. São Paulo - SP.  
CEP: 05051-030.  
E-mail:  
[mmjm@uol.com.br](mailto:mmjm@uol.com.br)

Neste texto vou comentar meu percurso como professora de Psicologia Fenomenológica no curso de graduação em Psicologia de um grande Centro Universitário de São Paulo. Neste Centro Universitário ensino as disciplinas de Fenomenologia I, II, III e IV e também Estágio Básico I, II, III e IV, disciplinas que iniciam o aluno em pesquisa. Os quatro módulos de “Fenomenologia” são ensinados no primeiro e segundo ano (disciplinas semestrais) e os módulos de “Estágio Básico” são ensinados no segundo e o terceiro ano da graduação em Psicologia (disciplinas anuais).

No geral, o aluno calouro não tem a menor idéia da realidade da profissão que abraçou ao escolher estudar Psicologia. É bastante comum o sonho de tornar-se um “profissional autônomo” e isso aconteceria “montando um consultório”.

Por meses o aluno passa pela experiência de ouvir, em sala de aula, repetidamente, que “a Psicologia não existe – existem as Psicologias”. Esse dizer situa a realidade profissional e a multiplicidade de campos de trabalho, bem como as várias abordagens da prática psicológica.

Nosso curso enfoca três abordagens: a Psicanálise, a Psicologia Fenomenológica e a Análise do Comportamento. Meu trabalho é situar, portanto, o âmbito da Psicologia Fenomenológica: uma psicologia filosófica, fundada na Europa como contraponto crítico à psicanálise, praticada inicialmente por psiquiatras estudiosos da filosofia alemã.

Artigo recebido em:  
08/03/2006  
Aprovado em:  
30/03/2006

No entanto, como ensinar a alunos calouros “o contraponto à psicanálise”, se nem ao menos eles tomaram pé de diferentes formas de pensar a ciência humana da Psicologia?

Muito lentamente fizemos revisões nos textos de referência, e escolhemos adotar o livro da professora Marilena Chauí, *Convite à Filosofia* (São Paulo: Ática, 2002). A revisão não se deu apenas nos textos de referência: deu-se em nós mesmas, professoras da disciplina. Percebemos a limitação de nossa didática: se nosso aluno nem ao menos sabe “o que é Filosofia?”, foi necessária uma reforma do Ementário, no que dizia respeito às disciplinas de Fenomenologia. Era preciso introduzir o aluno ao saber filosófico e à história do conhecimento humano, de modo que ele pudesse perceber o valor do pensamento fenomenológico – longe do pragmatismo tão comum, revelado na pergunta recorrente: “Mas para que serve uma psicologia filosófica e descritiva?” Nossa resposta inicial é nua e crua: *serve para pensar a condição humana*. Mais tarde, no segundo ano do curso, vários alunos, já familiarizados com nossa terminologia, escolhem realizar seus primeiros estágios na abordagem fenomenológica (disciplinas de Estágio Básico I e II).

Será nesta disciplina que o professor responderá, mais profundamente, “para que serve uma psicologia filosófica e descritiva”. No meu caso específico, respondo a essa pergunta por meio de um estágio que procura realizar a *fenomenologia do desenho infantil*. Para tal, a bibliografia principal está em *Merleau-Ponty na Sorbonne/ Resumo de Cursos*, obra póstuma de Maurice Merleau-Ponty editada no Brasil pela Papyrus (Campinas: 1990a e 1990b), em dois volumes.

É muito bonito compartilhar o processo dos alunos durante este segundo ano de sua graduação em Psicologia. Estão estudando as disciplinas obrigatórias e introdutórias à Psicanálise, Psicologia Fenomenológica e Análise do Comportamento, ao mesmo tempo em que iniciam-se em pesquisa, numa destas três abordagens, escolhida no início do ano letivo. Em Estágio Básico I e II, os alunos passarão o ano pesquisando algum tema da Psicologia, sob supervisão de um professor-pesquisador, em grupos de 10 a 15 alunos. É um momento importante do curso; momento em que os alunos têm contato maior e mais pessoal com seu professor e entre si.

No caso específico do estudo fenomenológico do desenho infantil, os alunos lêem textos de referência que introduzirão o tema e o ponto de

vista daquilo que Merleau-Ponty denomina a “psicologia clássica” – em relação ao desenho, é importante que os alunos conheçam as pesquisas de Luquet, bem como as noções de técnicas projetivas. Tanto as etapas evolutivas do desenho, quanto a noção de que “o desenho é janela da alma infantil” ou que revela “traços de personalidade” da criança, serão desconstruídos pelo pensamento filosófico merleau-pontiano.

Cabe comentar que a **desconstrução** de metodologias e técnicas psicológicas tão arraigadas no senso comum — e na profissão vista “de fora” — causa, primeiramente, um certo incômodo no aluno. Talvez porque vieram estudar Psicologia com um sonho também com base no senso comum e naquilo que as mídias mostram do trabalho do psicólogo, que nosso trabalho descritivo, de busca por estruturas gráficas e significações, muitas vezes, gera frustração e descontentamento.

No entanto, com o passar das semanas e com o avanço na leitura do texto de Merleau-Ponty, a grande maioria dos alunos compreende e se apropria de princípios fundamentais do olhar fenomenológico para a vida humana. Os dois princípios essenciais, grosso modo, resumem-se na possibilidade de **descrever fenômenos** e de **praticar a redução** ou **suspensão fenomenológica**. Desenvolver estas duas habilidades do pensar é de fato um enorme ganho para os alunos, em sua futura profissão: sejam eles futuros psicólogos fenomenólogos ou não. E, ao mesmo tempo em que praticam descrições e a redução (pelo seu reconhecimento de noções **a priori**, julgamentos de valor e pré-conceitos), os alunos também dão saltos visíveis na sua capacidade para ler e escrever.

Infelizmente grande parte de nossos alunos chegam à faculdade com enorme dificuldade de leitura e escrita; esta disciplina tornou-se um lugar para, junto com o professor, reconhecer a dificuldade e aprender: fazer fichamentos, fazer uso do dicionário, praticar interpretação de textos e ampliar a rede de significações, por meio de pesquisa de outras referências, acerca do tema estudado.

No entanto, não posso deixar de comentar a sensação premente de que conhecer seu próprio **déficit cognitivo**, por assim dizer, causa sofrimento, decepção e desilusão. A convivência na faculdade, a necessidade de ler muito e desenvolver a escrita, o fato de que a grande maioria dos alunos trabalham e não têm muito tempo para estudar, tudo isso leva alguns deles a desistir do curso. Somado ao fato de que encontram-se numa escola paga, os alunos, muitas vezes, não conseguem olhar para si

mesmos de uma maneira realista e madura: madura a ponto de poder pedir ajuda para seus professores. Trata-se, talvez, daquilo que a psicanálise nomeia *ferida narcísica*: chegar à faculdade e orgulhar-se disso e, ao mesmo tempo, constatar que a formação anterior não os preparou para a leitura dita acadêmica.

Mas, com perseverança e boa vontade, muitos alunos conseguem resultados interessantes. No Estágio Básico sobre o desenho, por exemplo, os alunos descrevem seu processo de conhecimento nos relatórios semestrais, de modo a exercitar textos de “relato de experiência”. Lembram de suas infâncias, falam do ato de desenhar, observam crianças em situações cotidianas, colhem desenhos em parques públicos, e aprofundam-se na noção fenomenológica de “espacialidade”. Para revelar esta aprendizagem e apropriação da maneira de ser fenomenológica, transcrevo aqui um trecho escrito por uma aluna:

(...) se alguém me perguntasse como era a casa que eu vivi minha infância eu imediatamente iria falar: “Era uma casa de 4 cômodos, sendo um quarto e outro que servia também como sala, uma cozinha, um banheiro, totalizando tantos metros quadrados, e um quintal grande.” Aqui no estágio, o espaço vai mais além: é você que faz e sente seu espaço por meio de sensações, expressões e vivências, aprendemos a ter um olhar em relação ao espaço e a tudo que nos rodeia. Agora, se alguém me perguntasse como era a casa onde vivi minha infância, eu iria falar: “Minha casa tinha um quarto onde minha mãe e meu pai dormiam e fechavam a porta, tinha também um guarda-roupa onde guardavam todas as nossas roupas e as nossas lembranças, onde podíamos nos esconder quando brincávamos de esconde-esconde; em outro quarto, que servia também como sala, dormiam eu e meus três irmãos, cada um na sua cama, mas todos juntos, brigávamos e brincávamos até o sono nos consumir, lembro-me bem de meus pais ralhando conosco para pararmos com a agitação e dormir. Já na cozinha meu tio armava sua cama, ele é o nosso anjo até hoje, ele era quem cuidava de nós para minha mãe ir trabalhar. O nosso quintal era na época o maior da vizinhança, as outras crianças gostavam de ir lá para brincar, lá tinham frutas e várias plantas, lembro-me bem dos pés de bananas: quando nós cortávamos os cabelos, juntávamos e colocávamos no pé de bananeira para ele crescer mais rápido (como era bom acreditar nessas coisas...). Como era bom dormir perto de meus irmãos, como era bom as brigas e as brincadeiras antes de dormir, doces lembranças, doce esta noção de espacialidade da fenomenologia... É, nossa casa é muito mais que metros quadrados, mais que uma concretude, é também sentimentos, afetos, é cheiro, é voz, é também silêncio, a minha casa de infância hoje é onírica, é só minha, penso que não é como era, e é para os meus irmãos. (aluna Rosângela Alves Cordeiro, 4º semestre, Relatório Final, 2005).

CONTRA PONTOS

Termino minha breve reflexão afirmando que, apesar de muitas dificuldades e acidentes de percurso, a experiência docente no ensino da Psicologia Fenomenológica tem sido fértil e gratificante, humanizante, questionadora e carregada de sentido.